Em busca do espaço perdido

HELIO NASCIMENTO

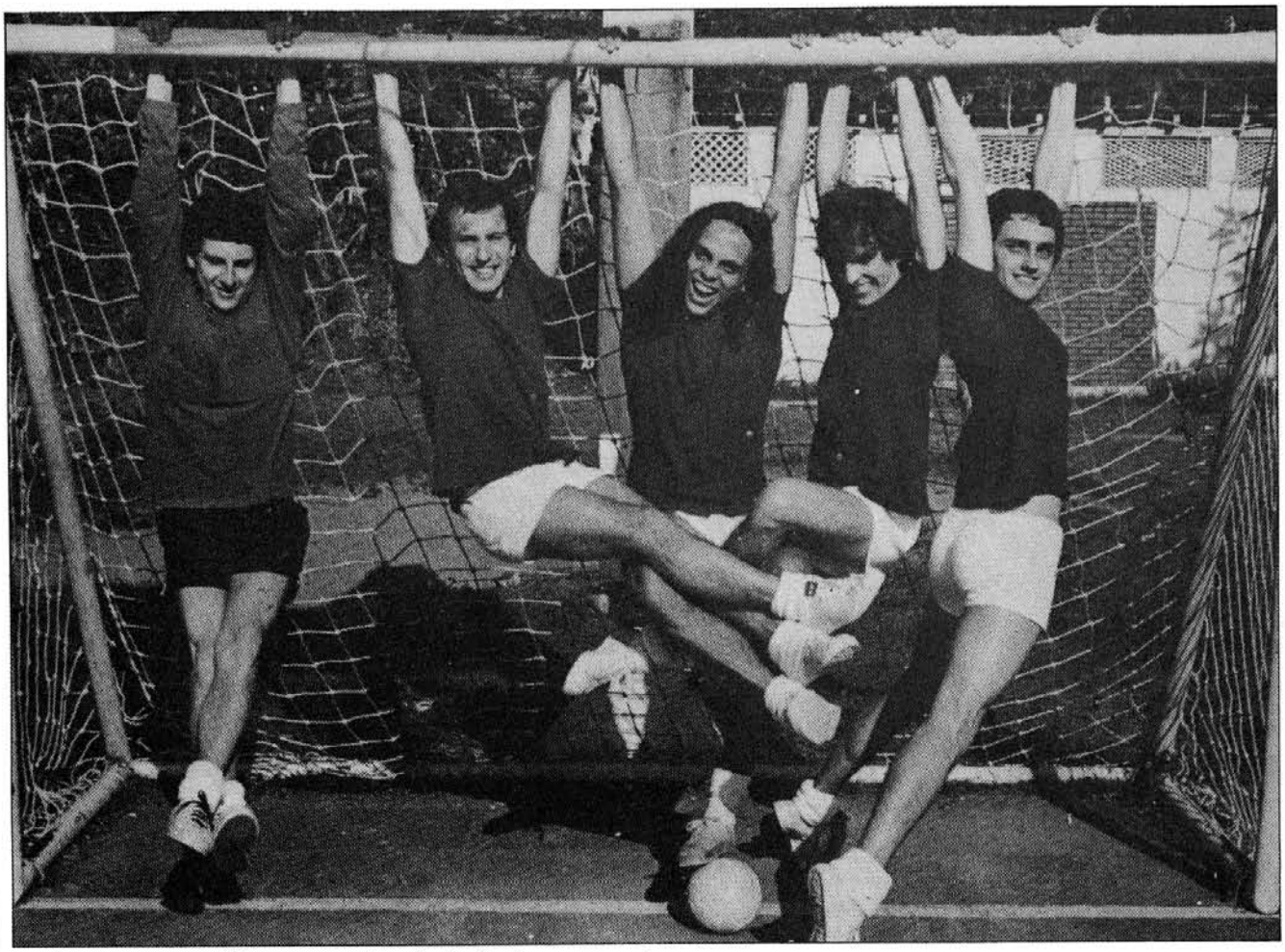
Verdes Anos — *Direção: Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil. Argumento: Luiz Fernando Emediato. Roteiro: Álvaro Teixeira. Fotografia e Câmera: Christian Lesage. Cenografia: Marlise Storchi e José Artur Camacho. Figurinos: Marta Biavaschi. Montagem: Alpheu Godinho. Música: Nei Lisboa, Augusto Licks, Nelson Coelho de Castro e Dedé Ribeiro. Som: Roberto Carvalho, Toninho Muricy e Fernando Fefa. Elenco: Werner Schünemann, Luciene Adami, Marco Antonio Breda. Produção: Z. Distribuição: Nacional Distribuidora de Filmes Ltda. Duração: 1h30. 1983.*

Me Beija — *Direção e Argumento: Werner Schünemann. Roteiro: Werner Schünemann, Giba Assis Brasil, Rudi Lagemann e Luis Palese. fotografia: Alberto Salvá. Cenografia: Marlise Storchi e José Artur Camacho. Figurinos: Marta Biavaschi. Montagem: Francisco Sérgio de Magalhães Moreira. Direção Musical: Celso Loureiro Chaves. Som: Júlio Spier. Elenco: Nina de Pádua, Rudi Lagemann. Produção: Z. Distribuição: Nacional Distribuidora de Filmes Ltda. Duração: 1h22. 1984.*

O jovem cinema do Rio Grande do Sul, que merece ser assim chamado não apenas pela idade de seus realizadores, traz sua contribuição ao debate sobre o cinema brasileiro na medida em que coloca em cena uma geração até então ausente das telas: aquela crescida nos anos de tumulto, numa época em que temas antes vetados enfraqueciam com o vazio por eles deixado qualquer manifestação cultural. É jovem, também, esse cinema, por se recusar a aceitar o discurso como fórmula salvadora e a alegoria como o caminho da salvação. Ao contrário, tanto em *Verdes Anos* como em *Me Beija* tudo gira em torno desse sol que sempre deveria ser o personagem. Se os diretores dos dois filmes pertencem a uma geração que vivenciou uma época de sustos e de horizontes limitados, não são eles e sim as criaturas filmadas que transmitem ao espectador de hoje tais experiências. A recusa em criar personagens reais, a distorção do cenário e a transformação da imagem em algo desprovido de veracidade têm transformado certo tipo de cinema em algo cada vez mais distante do real e portanto da própria época que procura realçar. Os cineastas do Rio Grande do Sul que agora começam a disputar seu lugar no mercado exibidor são jovens também por essa opção, que recusa as antigas propostas de um cinema soterrado de símbolos e que termina por sufocar qualquer voz individual. Tanto em *Verdes Anos* como em *Me Beija* essa é a primeira qualidade. Os dois filmes nada distorcem ou atrofiam. Procuram registrar a realidade através de personagens de cuja veracidade não é possível duvidar.

Desde a fase do super-8 e também nos filmes curtos em 35 milímetros, os jovens do Sul sempre evidenciaram tal preocupação com o real, com um universo que, sendo produto também de sua imaginação e de sua perspicácia, na medida em que resultante de um processo de elaboração bem conduzido, nunca fosse adulterado pelo escapismo do formalismo inócuo. O sonho de um personagem era filmado em *Deu Pra Ti Anos 70,* sem que isso representasse qualquer violentação da realidade. Em *Inverno* há uma cena em que a rua parece povoada por fantasmas que expressam um sentido de deformação, sem necessidade de que a realidade filmada seja prejudicada. *No Amor,* o primeiro 35 milímetros da geração, ainda um curta-metragem, é uma verdadeira lição de economia, sem que o filme adote qualquer forma de didatismo. Nesse pequeno mas revelador filme toda a idéia aparece concentrada: são os personagens que aprendem; são eles que adquirem noção mais profunda da realidade, através das suas próprias vivências.

Sem prejuízo de outras virtudes, inclusive aquela de serem documentários reconstituídos das perplexidades e das frustrações de uma geração, *Verdes Anos* e *Me Beija* têm como valor básico essa escolha pelo personagem e pelo realismo de cena. O primeiro filme, *Verdes Anos,* trata do jovem em fase de formação. Nesse cenário limitado pela mediocridade há sombras ameaçadoras e personagens não devidamente clarificados que se constituem em possibilidades de perigo. É, principalmente, um filme-confidência, uma espécie de crônica de uma fase em que a imaginação se alia à inexperiência, terminando por criarem situações que, ultrapassadas, se constituem em marcos no rumo da maturidade. *Me Beija* já não trata basicamente de alunos, mas de professores. Estamos, portanto, diante de um prolongamento no tempo. O universo captado pela câmera se torna mais interessante. Outra vez, o tema da ameaça é desenvolvido, só que agora de maneira mais



Verdes Anos: *um filme que evita simbologias exageradas.*

ampla e metódica. Temos em cena três personagens principais. Os três, cada um de maneira diferente, expressam tipos de comportamento gerado por situações nas quais o livre desenvolver das potencialidades humanas é impedido de se afirmar, de se constituir em elemento básico na formação da personalidade. Felizmente, pela própria lei da ação e da reação, sempre existe a possibilidade de tal gênero de pressão ocasionar o gesto de altivez e rebeldia. A professora que procura, no final, um caminho novo expressa esse tipo de reação, sem a qual a história não teria movimento e tudo permaneceria estático. Mas há, também, o sentimento de náusea e desalento, esses subprodutos da inconformidade diante de situações opressoras e vexaminosas. Sempre haverá os optantes pela fuga mais radical, pelo vazio completo e final. Um terceiro gênero de comportamento é aquele que mistura o medo diante da sociedade e diante de si próprio. Mesclam-se no professor tímido o indivíduo incapaz de um gesto de rebeldia diante de uma injustiça e aquele impossibilitado de exprimir sua paixão diante da mulher amada. *Me Beija* é um filme que termina por nos lembrar que as marcas da repressão não são apenas as políticas. Existem também as marcas na alma, invisíveis num primeiro olhar, mas que terminam por se constituir na própria capacidade de um indivíduo, oprimido pelo medo, de alcançar o equilíbrio emocional.

Os filmes brasileiros recentemente produzidos no Rio Grande do Sul são jovens também porque se recusam a abordar o tema da repressão apenas pela forma mais tradicional, que poderíamos chamar política. Por isso mesmo são também políticos devido a essa busca da amplitude e da totalidade. Os defeitos que possam existir num e noutro filme não nos devem limitar na sua apreciação e na constatação de sua importância. Cinematograficamente, eles nos apresentam a correta opção pelo realismo cênico e pela luz que sempre emana de personagens verídicos. Como documentos, expressam a dor, a frustração e os sinais de esperança de uma geração que cresceu limitada e que terminou criando seu espaço, afirmação comprovada pela realização desses dois filmes. Há ainda imperfeições, sem dúvida, mas *Verdes Anos* e *Me Beija* são duas respostas a um tempo passado e também a prova de que há várias maneiras de resistir, entre elas fazer cinema.

HÉLIO NASCIMENTO é crítico do *Jornal do Comércio*, de Porto Alegre.